



Arsénio Mota

Ilustração: Catarina Fernandes

Leitão Ciclista em busca do paraíso


Grácio
EDITOR

Arsénio Mota

Ilustração: Catarina Fernandes

Leitão Ciclista em busca do paraíso


Grácio
EDITOR

Ficha técnica

Título:

Leitão Ciclista em busca do paraíso

Autor:

Arsénio Mota

Ilustração:

Catarina Fernandes

Design gráfico:

Grácio Editor

1ª Edição eletrónica: fevereiro de 2017

ISBN: 978-989-99793-1-4

© Arsénio Mota e Rui Grácio

Travessa da Vila União, n.16, 7º drt

3030-217 Coimbra

Telef.: 239 084 370

e-mail: rgracio@gmail.pt

sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos



AQUILO teria que acontecer! Mas a história não apareceu de repente, começou devagarinho como as rodas de um carro que inicia o andamento e depois foi crescendo, ganhando velocidade. Por isso o herói desta aventura entrou nela sem perceber no que se metia. E que grande peripécia o esperava!

O herói foi Leitão, nessa altura ainda não Ciclista porque usava fraldas. Mas aprendia a falar, percebendo ao mesmo tempo que sua mãe dizia encantos sem fim da terra onde nascera. Era um verdadeiro paraíso! E foi assim que ele, ainda menino, se acostumou à ideia de que toda a gente gosta o mais possível do lugar que o nascimento fez seu.

Habitou-se também a sentir saudades daquela terra distante que tinha o nome de Barriada e que sua mãe, sempre que podia, elogiava com todo o entusiasmo. Mas ele não a conhecia porque viera nascer à cidade e nunca lá pusera os pés. Podia dizer-se que desde menino teve dois lugares no coração, um por influência materna e o outro porque nele vivia.

Os amigos reclamavam:

– Como podes sentir saudades do que não conheces?

Mas como explicar o que ele também não entendia, que sua mãe nunca mais quisera voltar a Barriada desde que de lá viera?

Leitão cresceu. Já era Ciclista, andava em cima das duas rodas da trotinete ou pedalava de casa para a escola e da escola para casa. Quando sua mãe lhe repetia o dito, abanava a cabeça e desanimava porque não tinha a resposta na ponta da língua. Era difícil levar os amigos à conclusão de que podia conhecer,

ouvindo a mãe, embora desconhecendo porque ainda lá não fora. Mas... também não podemos desconhecer, conhecendo? Porque, na realidade, nunca acabamos por conhecer bem e por completo uma coisa que encontramos no mundo. Às vezes nem conseguimos lembrar-nos, por exemplo, do nome de uma vizinha que até simpatiza connosco ou não resolvemos um problema embora saibamos como é... Nem o nome da vizinha nem a solução do problema nos acodem ao juízo! Mas Leitão pensava isto para si mesmo, guardando no íntimo tanta dúvida do que seria realmente conhecer.

De qualquer modo, ouvia a mãe cantar as imensas maravilhas de Barriada, terra sem igual, onde tudo era bom, as batatas e o azeite, as couves e o vinho, a broa cheirosa a sair do forno, e ainda as pessoas e os seus ditos, as cantigas, as festas e as romarias com bandas a tocar e foguetórios caprichados. Vacas mansas puxavam os carros e os arados, sinos repicavam as horas na torre, andorinhas faziam ninhos nos beirais e nos pátios, garotos subiam às figueiras para se esconderem e comerem os figos, gente passava de bicicleta pelas estradas levando em cima da cabeça açafates com comida quente, ou feixes de erva, ou pachorrentos bois pela soga... Era tudo baril, tudo a abrir! Até os conterrâneos que sua mãe conhecia e que também tinham ido morar para ali perto eram gente “especial”. Da melhor!

Algumas pessoas da cidade argumentavam:

– Se lá é tudo assim tão bom, porque é que vocês de lá saíram?!

Leitão calava-se e entristecia porque a mãe lhe contava, chorando, que tinha sido uma história infeliz que a arrancara do lugar e a levava para a cidade com o filho por nascer.

Sim, é verdade, ele por vezes notava um exagero nas belezas e nas excelências que sua mãe proclamava. O Paraíso não pertence à ordem das coisas terrenas, pertence à ordem das celestes e tão distantes que nem um foguetão



BARRIADA